



**ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES**  
**PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

O processo de inclusão de um aluno com síndrome de  
duplicação 9p: conhecer para intervir

Viviane Pacheco Porto Tomaz  
Nº de Matrícula: 112790048b  
Polo: Carandaí

Juiz de Fora/ MG  
2019

Viviane Pacheco Porto Tomaz

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

**O processo de inclusão de um aluno com síndrome de  
duplicação 9p: conhecer para intervir**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Mylene Cristina Santiago

Juiz de Fora  
2019

Viviane Pacheco Porto Tomaz

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Mylene Cristina Santiago – Orientadora  
Universidade Federal de Juiz De Fora / UAB

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>o</sup>. Dr. Neil Franco Pereira de Almeida - Avaliador  
Universidade Federal de Juiz De Fora / UAB

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>o</sup>. Me. Sebastião Luis Petronilho de Castro- Avaliador  
Universidade Federal de Juiz De Fora / UAB

JUIZ DE FORA

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Tomaz, Viviane Pacheco Porto.

O processo de inclusão de um aluno com síndrome de duplicação 9p: conhecer para intervir / Viviane Pacheco Porto

Tomaz. -- 2019.

31 f.

Orientador: Mylene Cristina Santiago

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Especialização em Educação Inclusiva em Contextos Escolares, 2019.

1. Síndrome de duplicação 9p. 2. Formação docente. 3.

Intervenção pedagógica. I. Santiago, Mylene Cristina , orient. II.

Título.

## AGRADECIMENTOS

Como agradecer pelo bem que tens feito a mim Senhor, demonstrando o seu cuidado em cada detalhe da minha vida! Se hoje posso colher o fruto do conhecimento acadêmico é por proporcionar possibilidades que envolve diferentes meios como a...

**Universidade** que com o seu potencial abriu as portas para que eu pudesse adentrar e conhecer um pouco mais do mundo dos saberes da educação.

**Professores** que com todo o dom foi capaz de dividir o seu conhecimento, ensinando com paciência e zelo, dispensando sua atenção a cada detalhe. Em especial minha orientadora Mylene Cristina Santiago.

Aos meus **familiares** esposo e filha que sabem respeitar o momento que deixo de estar com eles para me dedicar aos estudos. Me apoiam em tudo. Meus pais e irmãs que sempre ficam felizes com minhas conquistas.

## **RESUMO**

O tema síndrome de duplicação 9p ainda é pouco conhecida por profissionais da área da educação, bem como, por demais profissionais que tem a responsabilidade de lidar com a síndrome. Porém, é um tema que atualmente, está surgindo dentro do ambiente escolar, devido a inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular. Por este motivo, o presente trabalho, visa identificar as dificuldades que os professores tanto de sala de aula, quanto da sala de recursos multifuncionais (AEE) do Atendimento Educacional Especializado de Ipatinga / MG encontram para realizar a educação do aluno diagnosticado com esta síndrome. Para tanto, foi realizado o estudo de caso com o aluno E. C. L. R., da Rede Municipal de Ensino de Ipatinga, que tem a síndrome de duplicação 9p. que contou com coleta de dados através de entrevista realizada com dois professores de área, sendo outro do Atendimento Educacional Especializado e o assistente da educação especial, todos atuam diretamente com o aluno com a síndrome. Levantamos, através da aplicação de questionário, as dificuldades da prática pedagógica com este aluno, para verificar que demanda é exigida dos professores. Verificamos que os professores encontraram dificuldades em lidar com as características do transtorno, pois a mesma é rara e pouco se sabe sobre ela, identificamos ainda, a necessidade de os professores terem formação contínua com interlocutores e em sintonia com uma linha de ações pedagógicas que os oriente em suas práticas, para realizar o ensino estruturado de modo a oferecer ao aluno a possibilidade de desenvolvimento. Para suprir essa condição, consideramos necessário, orientar o professor dentro de uma perspectiva psicoeducacional, para exemplificar tal necessidade aplicamos testes de avaliação neuropsicológica cognitiva, onde os resultados serão o ponto de partida para adequar um plano de trabalho, que atenda às necessidades específicas do aluno com a síndrome de duplicação 9p, investigado nesse trabalho.

Palavras-chave: síndrome de duplicação 9p, formação docente, intervenção pedagógica.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO:.....	8
2. IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO:.....	10
3. DESCRIÇÃO DO QUE TE FEZ ELEGER TAL PROBLEMA/QUESTÃO: .....	11
4. JUSTIFICATIVA DA IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR TAL QUESTÃO E NÃO OUTRA:.....	12
5. OBJETIVO GERAL:.....	13
6. OBJETIVOS ESPECÍFICOS: .....	13
7. ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA A INTERVENÇÃO: .....	13
<b>Volume 1</b> .....	14
8. COM A PALAVRA OS PROFESSORES: ANALISANDO AS ENTREVISTAS .....	18
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	20
<b>APÊNDICE 1</b> .....	24
<b>APÊNDICE 2</b> .....	25
<b>APÊNDICE 3</b> .....	26

## Introdução

A trissomia do cromossomo 9, também chamada de Síndrome de Rethoré, que foi descoberta em 1970, pela geneticista francesa Marie Odilie Rethoré, apresenta duplicação no braço do referido cromossomo. A síndrome de duplicação 9p é muito rara e poucos sobrevivem a ela, sendo assim, ainda é pouco estudada, são incertas as características presentes nos fenótipos, sendo semelhantes aos presentes nas trissomias do 21, 13 e 18. (RETHORÉ, MO. 1970).

Além de restrição do crescimento do indivíduo que tem esta síndrome, têm sido descritas anomalias que envolvem múltiplos órgãos e sistemas como gastrointestinal e nervoso. (SARAIVA; SANTANA; SANTOS; SALLES, 2017, p. 232)

A maioria das pessoas com a síndrome tem atraso na maturação esquelética. A falta de hormônio do crescimento ocorre, mas é incomum. Devido à maturidade esquelética retardada, muitos com a síndrome continuam a crescer mesmo após a adolescência. É comum as crianças apresentarem quadro de epilepsia e vários tipos de convulsões podem ocorrer. As crises muitas vezes cessam durante a infância, mas podem ocorrer na idade adulta. A maioria das pessoas com a síndrome de duplicação 9p apresentam deficiência intelectual, que é geralmente moderada a grave, tendo suas as funções cognitivas reduzidas. (KARL-HENRIK, 2017, tradução nossa)

O padrão de malformações foi descrito por Centerwall e Beatty-DeSana em 1975 é caracterizado por: microcefalia, enoftalmia, hipertelorismo, ponte nasal ampla, fenda palpebral, retardo mental e psicomotor, alterações cerebrais, restrição do crescimento, hipoplasia de unhas, hipotonia e outras manifestações que comprometem esqueleto, coração, rim e genitais. anomalias de mãos e pés boca comissura em v invertido, hipertelorismo, nariz globoso ou proeminente ouvidos de implantes displásicos ou baixos.(KARL-HENRIK, 2017, tradução nossa)

1.1 Conhecendo algumas características da síndrome de duplicação 9p, de acordo com (KARL-HENRIK, 2017, tradução nossa)

Dificuldades	Precisa de intervenções
1. Pensamento abstrato e teórico;	1. Vida cotidiana;
2. Aprender coisas, planejar e executar tarefas , resolver problemas, se comunicar;	2. Trabalhar com estimulação lingüística precocemente



3. Linguagem e fala, onde o seu desenvolvimento é tardio e típico da síndrome.	
4. Deficiência intelectual	
5. Habilidades motoras	
6. Capacidade de concentração, atenção;	
7. Visão e audição	
8. A capacidade de fala, linguagem e comunicação;	
9. Desenvolvimento motor que causa dificuldades nas habilidades motoras bruta e fina em diferentes graus;	
10. Para começar a andar é entre 2 e 5 anos.	
11. Hiperatividade e ansiedade	

Para verificar se estas características são apresentadas pelo aluno participante do estudo de caso, faremos uma entrevista com o objetivo de obter as seguintes informações:

1. O conhecimento do professor acerca do que é a síndrome de duplicação 9p;
2. O nível das necessidades e dificuldades dos professores em relação à inclusão de alunos com a síndrome de duplicação 9p;
3. Os sistemas de apoio utilizados para avaliar e desenvolver o currículo do aluno, sendo professores de sala de aula e AEE interlocutores em suas ações;
4. Os aspectos da aprendizagem do aluno a síndrome de duplicação 9p a fim de colaborar para uma elaboração de material a ser trabalhado com este tipo de deficiência.

A relevância desta pesquisa contribui, diretamente, para estudos e mudanças de estratégias que auxiliarão na condução de ações pedagógicas para alunos que apresentam algumas características da síndrome, podendo ajudar na inserção e adaptação no ambiente escolar, com visões de enriquecimento da parte cognitiva deste sujeito de direito. O caminho para se trabalhar aluno com deficiência ou não, é saber que todos têm os mesmos direitos e que, nenhuma a criança pode ser discriminada. A partir de estudos de caso e de formação no contexto da própria escola, podemos

produzir meios para que as atividades criativas, lúdicas, prazerosas, sejam pensadas para todas as crianças, com deficiência ou não.

Nesse contexto, Cunha (2012, p. 100), esclarece que:

[...] o educador deve estar preparado para manejar os recursos que dispõe a escola, sua sala de recurso e o conhecimento adquirido em capacitação, para realizar a educação do indivíduo de forma que ele atinja a meta estabelecida. Seu papel é estimular a criança para a formação do conhecimento.

### **Identificação da situação problema/questão**

O que deu origem a escolha da questão, foi um diálogo com uma mãe de aluno, a mesma informou que o seu filho fez o exame de genética e foi diagnosticado com uma doença rara, mas não sabia dizer o nome, a partir de então surgiu meu interesse em pesquisar sobre o tema.

Ao ler o laudo médico e os exames de genética que foram realizados com o aluno, percebi que realmente é um caso raro e de nome desconhecido entre as patologias que fazem parte do nosso cotidiano de alunos com deficiência em ambiente escolar. Ao buscar informações sobre o que era síndrome de duplicação 9p, descobri que os registros da síndrome são poucos.

Foram identificados em muitos casos com a síndrome não chegam a nascer, muitas gestantes sofrem aborto espontâneo devido a má formação do feto. A prevalência é de que a síndrome é resultante da quarta trissomia, afetando duas vezes mais mulheres com idade materna de 35 anos. Na maioria dos casos, a trissomia 9p é o resultado de uma translocação desequilibrada cromossômica entre cromossomo 9 e um segundo autossomo presente em um dos pais, resultado de uma mudança genética espontânea (de novo) que ocorre por razões desconhecidas em um estágio inicial do desenvolvimento embrionário. Esta mudança genética se caracteriza quando a cópia do cromossomo 9 se dá em 3 vezes e o comum seria 2 vezes. Está incluído nas aneuploidias ou doenças nas quais o número de cromossomos é alterado. A aneuploidia mais frequente é a trissomia 21 ou síndrome de down. O diagnóstico é obtido através da realização de um cariótipo, em casos suspeitos de apresentar qualquer uma das anomalias descritas anteriormente. O diagnóstico pré - natal é possível quando há suspeita da condição de uma falha detectada no ultrassom realizada na segunda metade da gravidez, a confirmação precisa no cariótipo, requer uma amostra obtida em exames de amniocentese ou cordocentese. (KARL-HENRIK, 2017, tradução nossa)

Entretanto, o que nos leva à reflexão é a falta de conhecimento do que realmente o aluno precisa para se desenvolver? Buscando conhecer suas necessidades e fazendo adaptações necessárias e para que a inclusão deste aluno tenha sentido é fundamental o sentimento de pertencimento a essa causa. Para tanto, faz com que o professor pesquise e crie meios pedagógicos para serem trabalhados com esse aluno.

Ao debatermos sobre o Movimento Social de Inclusão, na perspectiva da inclusão escolar, fazemos um recorte acerca da inclusão das pessoas com deficiência, com foco sobre a inclusão da criança no contexto da escola regular. Assim, estudos têm revelado que grande parte do sucesso da inclusão depende do trabalho pedagógico adequado às diversidades dos discentes no cotidiano escolar (DRAGO, 2011).

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) vem fechar a lacuna criada pelo ingresso de crianças com necessidades educacionais especiais ao ensino regular, como uma tentativa de garantir o acesso destas crianças as mesmas oportunidades oferecidas às crianças sem deficiência. Para que isso ocorra, o professor deve inserir ao processo educativo os apoios necessários para promover o aprendizado e convívio desta criança de acordo com os parâmetros legais.

A esse respeito, Ramos e Faria (2011, p. 77) discorrem que:

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência [...] Nestes casos e outros, que implicam em transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais.

O AEE configura-se como complemento à escolarização ou seja, o professor será responsável por identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. O AEE deve ser articulado com a proposta da escola regular, embora suas atividades se diferenciem das realizadas em salas de aula de ensino comum (BRASIL, 2009).

Portanto, a proposta pedagógica se pauta na necessidade de estabelecer limite e regras, orientar atitudes que lhe possibilitem o ganho de independência e autonomia. Oferecer situações que lhe ajudem a desenvolver a atenção e concentração, bem como atividades com propostas que visem experiências cognitivas, oportunizando a vivência de sucessos, trabalhando assim sua autoestima e autoconfiança.

### **Descrição do que te fez eleger tal problema/questão**

O problema em questão se trata de um caso raro, despertando meu interesse e desejo de ampliar meu conhecimento. Em uma escola pública de Ipatinga MG, que atende alunos do 3º ao 9º ano do ensino fundamental e EJA, temos um aluno do sexo masculino, 13 anos de idade e

diagnosticado com Tetrassomia do cromossomo 9P, atualmente matriculado no 6ºano, e sendo acompanhado desde o 2º ano por uma assistente da educação especial.

Ao fazer anamnese com a mãe do aluno em estudo é que obtemos os seguintes dados. O aluno tem um irmão que não possui a síndrome. A mãe engravidou aos 35 anos, gravidez não planejada, com rejeição inicial e sua gestação teve alto risco de aborto. O parto foi normal e completou 9 meses de gestação, com pré-natal em dia. Ao nascer a criança pesou 3.105, mediu 48cm e não chorou. Nos primeiros meses de vida apresentou cianótico, estrábico, mão lisa, unha mole, abdômen estendido, firmando a cabeça com 4 meses, andou com 2 anos e 3 meses, começou a falar com 2 anos, obteve controle esfinteriano aos 7 anos.

Hoje o aluno está com 13 anos, e cursando o 6º ano do ensino fundamental I, é acompanhado por um assistente da educação especial no horário da aula regular e também é aluno da sala de recursos multifuncionais – AEE (Atendimento Educacional Especializado), tem apresentado um desempenho favorável à sua condição, com poucos avanços na linguagem. Já no desenvolvimento motor fino observamos avanços na escrita, movimento de pinça, pintura, recorte, rasgadura, hipótese de escrita com leituras de imagens, mediante a aplicação dos estes pretendem – se avaliar outras áreas que precisam de intervenções.

### **Justificativa da importância de estudar tal questão e não outra**

O que chama a atenção no caso em estudo é que aos 9 anos de idade a criança foi diagnosticada como autista atípico, apresentando atraso grave na linguagem, alterações no formato da face, com implantação baixa das orelhas e cabelos, alargamento da base do nariz, comportamento impulsivo, agitado, inquieto, com pobre interação social com crianças e adultos. O seu tratamento se embasava no espectro, até que com a mudança de médico e exames de genética foi descoberto a síndrome de duplicação 9P, (CID -10 Q99-9). Conforme exame médico do aluno, seu cariótipo foi 46, XY, dup9 (p13 p24), o que significa que foi observada uma duplicação de material genético, contido no braço curto do cromossomo 9. (Anomalia cromossômica estrutural, E.C.L.ROSA, Ipatinga M.G. 2018)

## **Objetivo geral**

Realizar estudo de caso em um aluno que apresenta diagnóstico de síndrome da duplicação 9p.

## **Objetivos específicos**

- Entrevistar professores e assistente da educação especial que trabalham diretamente com o aluno.
- Estudar as anameses do caso a síndrome da duplicação 9p feita pela professora da sala de recursos.
- Aplicar os testes avaliação neuropsicológica cognitiva.
- Apresentar aos professores da sala de aula e do AEE os resultados dos testes.
- Propor atividades a serem trabalhadas com o aluno de duplicação 9p.
- Aplicar os testes e construir com os resultados um registro com dados de uma criança com a síndrome de duplicação 9 P para futuras pesquisas. Será construindo um banco de atividades adaptadas para esses alunos com a síndrome.

## **Alternativas escolhidas para a intervenção**

A proposta de intervenção teve início após a autorização da instituição na qual o aluno estuda atualmente. Mediante a pesquisa de documentos na sala de recursos multifuncionais, estudos se voltaram a história clínica por meio da análise dos laudos médicos e anamnese feita pela professora da sala de recursos, foi realizada uma entrevista individual com a mãe do aluno, na qual comunicamos o nosso interesse em realizarmos a pesquisa. A responsável (mãe) autorizou a participação do filho neste estudo e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) conforme anexo 1.

Na sequência foi feito a entrevista com as professoras da sala de aula e do AEE, conversa com a assistente da educação especial. Com aplicação de alguns testes de avaliação neuropsicológica cognitiva, que envolve as áreas da linguagem oral e escrita, raciocínio lógico, atenção e funções executivas é possível mediante aos resultados estabelecer um plano de trabalho a ser seguido.

Os testes foram organizados por Seabra e Dias (2012) em uma coletânea intitulada de Avaliação Neuropsicológica Cognitiva, Composta de três volumes que versam sobre (1) atenção e

funções executivas, (2) linguagem oral e (3) leitura, escrita e aritmética. A Coleção preenche a lacuna relativa à carência de instrumentos de avaliação neuropsicológica no Brasil com praticidade e utilidade. Segundo as autoras, os instrumentos de avaliação neuropsicológica podem ser aplicados por profissionais devidamente habilitados, em suas áreas de atuação clínica ou educacional, que alcance o propósito de sua criação: contribuir para a prática em neuropsicologia cognitiva, instrumentalizar o profissional e prover o cuidado devido a nossas crianças e adolescentes. A figura 1 demonstra a organização dos instrumentos de avaliação, disponibilizados pela coletânea usada como subsídios para a realização dos testes.

Figura 1

<b>Volume 1</b>	<b>Volume 2</b>	<b>Volume 3</b>
<b>ATENÇÃO E FUNÇÕES EXECUTIVAS</b>	<b>LINGUAGEM ORAL</b>	<b>LEITURA, ESCRITA E ARITMÉTICA</b>
Instrumentos: Teste de Atenção por Cancelamento (para crianças e adolescentes de 5 a 14 anos) Conforme anexo 2 Teste de Trilhas: Partes A e B (para crianças e adolescentes de 6 a 14 anos)	Instrumentos: Teste de Discriminação Fonológica (para crianças de 3 a 6 anos) Teste Infantil de Nomeação (para crianças e adolescentes de 3 a 14 anos) Teste de repetição de palavras e pseudopalavras Conforme anexo 3 (para crianças e adolescentes de 3 a 14 anos) Prova de Consciência Fonológica por Produção Oral (para crianças e adolescentes de 3 a 14 anos) Conforme anexo 4 Prova de Consciência Fonológica por Escolha de Figuras (para alunos do primeiro ciclo do Ensino Fundamental) Prova de Consciência Sintática (para crianças e adolescentes de 3 a 14 anos)	Instrumentos: Teste Contrastivo de Compreensão Auditiva e de Leitura (para crianças de 3 a 11 anos) Prova de Escrita sob Ditado (versão reduzida) (para crianças de 6 a 11 anos) Conforme anexo 5 Prova de Aritmética (para crianças de 6 a 11 anos)

Fonte: organizado pela autora (2019)

O teste aplicado no aluno com síndrome de duplicação 9p, nos leva a caminhos que podemos trilhar para uma inserção de como e o que fazer para que aconteça evolução no processo de aprendizagem.

No primeiro teste de trilhas parte A e B o aluno ficou com uma classificação muito baixa. Logo percebemos que o aluno só sequencia até a base 10 na escrita e oralmente até a base 20. Reconhece e nomeia as figuras geométricas planas triângulo, círculo, quadrado e retângulo e também as cores marrom, azul, vermelho, branco, roxo, verde e amarelo.

Quanto ao alfabeto reconhece e nomeia corretamente todas as letras do alfabeto, ainda não consegue realizar a sequência da ordem alfabética.

Na escrita sob ditado, conseguimos descobrir o seu nível de leitura e escrita silábico com valor sonoro, conseguindo registrar palavras simples e utilizando letra bastão. Na escrita do seu 1º nome troca as letras de lugar e não consegue perceber o erro.

No teste de atenção por cancelamento obteve o resultado muito baixo, precisando trabalhar com atividades de memorização.

No teste pseudo palavras ‘Consciência Fonológica por Escolha de Figuras, o resultado também foi baixo, podendo perceber a dificuldade na fala e memorização. Sugere – se que o aluno precise de ajuda de um fonoaudiólogo.

Na prova de Consciência Fonológica por Produção Oral, o aluno ao observar as personagens da história do chapeuzinho vermelho, logo demonstrou que sabia de que se tratava, mas não consegue produzir frases, fala somente palavras soltas chapeuzinho, lobo, vovó.

Quando perguntei: \_\_ onde a chapeuzinho estava indo?

Respondeu: \_ Vovó.

Quanto ao desenho, o aluno apresenta um esquema corporal deficitário, seu corpo é em forma palito e falta o nariz. O sol está bem amarelo e no lugar certo significando a presença marcante da figura paterna. Em seu desenho fez uns círculos e disse ser os planetas, perguntei se gostava dos planetas, balançou a cabeça e sorriu.

Partindo da aplicação dos testes a sugestão de intervenção para este aluno seria passar para todos os professores os resultados, para que cada um possa preparar atividades com o tema da sua disciplina em nível que atendesse esse aluno e o mesmo não ficasse tão diferenciado dos demais de sua turma.

Como o aluno está em nível de leitura e escrita silábico com valor sonoro o viável é partir com atividades que permitam avanços, para tanto é preciso conhecer o processo de leitura, para fazer as devidas intervenções. O aluno aprendendo ler com fluência, ficará mais acessível as demais atividades ofertadas nas diversas disciplinas.

Com base nos resultados obtidos nos testes diagnósticos, busquei apresentar aos professores e assistentes em que nível de leitura e escrita este aluno está e as atividades que podem ser aplicadas a ele. Conforme figuras apresentadas:

Figura 2 – Nível de leitura

<p>Nível de leitura</p> <p>Silábica com valor sonoro:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– A escrita começa a representar a fala;</li> <li>– Percebe a relação de som com a grafia;</li> <li>– Escreve uma letra para cada sílaba.</li> </ul> <p>Exemplos:</p> <p>PATO__ AO (valor sonoro só nas vogais)</p> <p>PATO__ PT (só usa consoantes)</p>
---

Fonte: organizado pela autora (2019)

Figura 3 – Atividades propositivas

Atividades que podem ajudar no desenvolvimento do aluno:	
Articulação de sons e palavras (Consciência Fonológica)	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Noção de palavra (capacidade de segmentar a frase em palavras, organizá-las e dar-lhe sentido);</li> <li>– Noção de rima (capacidade de identificar rimas);</li> <li>– Aliteração (capacidade de identificar ou repetir a sílaba ou fonema no início da palavra);</li> <li>– Consciência silábica (capacidade de segmentar palavras em sílabas, a criança tem de identificar e discriminar as sílabas);</li> <li>– Consciência fonêmica (capacidade de manipular e isolar os fonemas que compõem a palavra).</li> </ul>
Exposição de ideias	Relatos de experiências, fatos, ações, histórias, descrição.
Sequência e coerência na exposição de ideias:	Imagens de histórias conhecidas ou não.
Linguagem plástica	<ul style="list-style-type: none"> <li>Cor</li> <li>Forma</li> <li>Textura</li> <li>Linha</li> <li>Colagem</li> <li>Dobradura</li> <li>Modelagem</li> <li>Recorte</li> <li>Desenho</li> <li>Pintura</li> <li>Rasgadura</li> <li>Tentativas de registro</li> </ul>
Diversos suportes da escrita	<ul style="list-style-type: none"> <li>Cartazes, livros, revistas, murais escolares, livros escolares, etc.)</li> <li>Instrumentos e tecnologias utilizados para o registro escrito (lápis, pincel, caneta, cadernos, computador, etc.)</li> </ul>



<b>Matemática</b>	
Atividades com a base 10, 20 e 30	Uso do material dourado, escala cuisenaire, tampinhas, palitos.
Montar operações simples	Adição e subtração.
Possibilidades	Empilhar, desempilhar, encaixar, desencaixar, enfileirar, encher, esvaziar
Classificação	(Triângulo, retângulo, quadrado, círculo)
Características	Comprido/curto, alto/baixo, mesma altura, mesmo, tamanho, grande/pequeno, maior/menor, largo/estrito/grosso/ fino, mesma altura, mesmo tamanho.
Classificação Serição Conservação Inclusão Sequenciação Comparação	<p>Classificação:</p> <p>É uma operação lógica na qual juntamos elementos pelas semelhanças, por exemplo, quando escolhemos, em uma coleção, todos os objetos que têm a mesma cor.</p> <p>Para classificar trabalhamos com as relações de pertinência e de inclusão de classes.</p> <p>Serição:</p> <p>Trabalha as diferenças entre os elementos das coleções que podem ser quantificadas, permitindo que os elementos sejam colocados em ordem crescente ou decrescente.</p> <p>Sequências:</p> <p>Para se organizar uma fila com os elementos de uma coleção, pode-se utilizar a sequência, que considera as diferenças de natureza qualitativa e não permite, portanto, ordenação crescente ou decrescente.</p>

Fonte: organizado pela autora (2019)

Com a aplicação dos testes pude perceber que o aluno está em processo de alfabetização, em nível silábico com valor sonoro. Deixando claro que não está dentro dos parâmetros para a idade, mas dentro de suas capacidades. Consegue perceber o valor sonoro das palavras citadas e o registro comprova sua evolução. Sua consciência fonológica está bem reduzida, precisa ser muito trabalhada para ajudar a desenvolver a linguagem oral e conseqüentemente a linguagem escrita. Segundo MORAIS (2012 pág.71,72),

[...]além de utilizar a linguagem para atender nossos propósitos comunicativos, podemos tomá-la como objeto de reflexão e assumir diante dela uma atitude metalingüística. Entre

várias dimensões metalinguísticas uma que é fundamental, para que um aprendiz se alfabetize é a capacidade de refletir sobre os segmentos sonoros das palavras que pronunciamos, isto é a consciência fonológica. Tal consciência é um conjunto de habilidades variadas. Variam quanto a operação mental que o aprendiz realiza: pronunciar um a um os segmentos que compõem a palavra, contar, identificar ou produzir “partes sonoras” parecidas, adicionar ou subtrair segmentos sonoros. Variam quanto ao tamanho do segmento sonoro, que pode ser:

Uma rima	(mato /gato)
Uma sílaba	(cavalo /casaco)
Um fonema	(sapo /c)

E variam, ainda, quanto a posição (início, meio, final) em que aparecem nas palavras. Lembrando que a consciência fonológica não é o suficiente para a criança se alfabetizar: ela precisara compreender o que a escrita nota e como produz notações.

Em conversa com os professores e assistente para passar os resultados do aluno em estudo, pude perceber que aos poucos foram surgindo ideias para o ponto de partida, quando o assistente da educação especial comentou que o aluno gosta da aula de geografia, porque estuda os planetas. Sei disso porque ele sempre desenha e nomeia os planetas. Então podemos partir do interesse do aluno, fazendo atividades adaptadas dentro desse tema e da capacidade do aluno.

### **Com a palavra os professores: analisando as entrevistas**

Ao realizar entrevistas com professores do AEE, sala de aula e assistentes da educação especial (apêndice 1, 2 e 3), foi possível compreender que para que o aluno ser verdadeiramente incluído, será preciso mudanças. Portanto, não se sabe a quem recorrer, pois tem um caminho que está bem direcionado e outro que foge ao alcance dos profissionais. Por exemplo: Ora ficamos felizes com os resultados apresentados, ora angustiados com o sentimento de impotência diante de vários problemas que fogem o muro da escola (professora C). O que tem dificultado é o aluno estar em uma turma totalmente diferente da sua realidade mental. O aluno em estudo está no 6º ano e em nível de leitura silábico com valor sonoro. Como ajudar este aluno se só tem em sua turma professores de áreas específicas? Onde muitos desconhecem os níveis de leitura e escrita, pois não são alfabetizadores.

Outro relato é do assistente da educação especial que tem maior contato com o aluno, é raro o meu encontro com o professor do AEE, pois, ambos estamos sempre ocupados. O assistente da educação especial que acompanha o aluno, fica o tempo todo com o aluno em sala, não tendo

como deixa –lo para ir à sala de recursos. E o professor do AEE que tem seus horários de atendimento estabelecidos, não dispõe de tempo para ajudar o assistente.

Segundo a professora do AEE, atendemos os alunos utilizando muitos recursos pedagógicos lúdicos, jogos, bateria psicomotora, intervenções pedagógicas de acordo com o comprometimento do aluno, esse contato com o assistente da educação especial, seria primordial para o mesmo saiba como utilizar esses mesmos recursos em sala de aula.

A professora de História relata que as maiores dificuldades enfrentadas durante o período de intervenção é saber o que fazer. Pois sou professora de matéria específica e o aluno precisa ser alfabetizado. E como minha disciplina é preciso ler e interpretar o aluno não aceita atividade adaptada, pega o livro e começa a copiar. (R.L.C)

Durante as entrevistas os professores disseram que se sentem inseguros e não sabem o que fazer e se estão fazendo certo, mesmo tendo uma capacitação na área da educação especial, ainda assim é difícil. Sabemos que estamos longe do que é preciso para a integral inclusão do aluno, garantindo a ele oportunidades de aprendizagem, mas, não deixamos de mediar situações de inclusão mesmo que não dentro do ideal e sim do real de uma sala com 40 alunos, cada um com suas limitações, necessidades e diferentes níveis de aprendizagem.

Para tentar sanar as dificuldades e fazer diferente, foi proposto que o professor da sala de recursos encontre com os professores de diferentes disciplinas pelo menos uma vez por semana, no horário de coordenação do professor, para juntos elaborarem intervenções para o aluno, quais os tipos de adaptações podem ser feitos e juntos registrarem necessidades e evoluções.

Ficou acordado como o professor de sala de recursos irá encontrar com todos os professores do aluno, sendo que a professora do AEE será a ponte multiplicadora de ideias entre todos os que farão as intervenções com o aluno da síndrome de duplicação 9p. O professor da sala de recursos fará uma lista de todos os materiais do AEE, passando uma cópia para todos, então os professores poderão fazer os planos de aula mencionando o nome do jogo que poderá utilizar na sala de aula para ajudar o aluno, fazendo sempre o uso de atividades adaptadas e material concreto. Em encontros com os professores do aluno, ficou combinado que quem buscará o material e devolverá o material no AEE é o assistente da educação especial. Assim, o professor, o assistente e o aluno se beneficiam com o uso de diferentes recursos que compõe a escola.

Pude perceber que partindo dessa intervenção na qual estava presente, houve em pouco tempo progresso. Mais, do que levar jogos para o aluno, o que realmente mudou foi a proximidade dos professores com a deficiência do aluno e a consciência de que existe a necessidade de planejar

aulas voltadas para atender também o aluno com duplicação 9p, buscando o conhecer para intervir, partindo de diferentes estratégias envolvendo professores regentes, da sala de recursos e assistente da educação especial partindo de estudos de caso e de formação no contexto da própria escola, podendo produzir meios para que as atividades sejam adaptadas, criativas, lúdicas e significativas, para todos os alunos..

Ao fazer este contato com os professores, os percebi solícitos e querendo sempre ajudar, mostrando interesse na causa e também seus anseios e dificuldades. Portanto, a busca que se tem em melhorias da educação é alavancada por motivação, sem esse sentimento, as peças se enferrujam e a engrenagem não mais se encaixa em seus eixos, fazendo a máquina do desenvolvimento, da busca, do fazer diferente, do se colocar na posição do outro deixar de fazer o seu papel. Entretanto, o professor precisa ser valorizado, reconhecido, respeitado para que sua motivação nunca acabe e que seja sempre ele o óleo que lubrifica as peças da educação de qualidade para todos, com ou sem deficiência.

### **Considerações finais**

A partir do que foi exposto é possível identificar os fatores críticos do trabalho de inclusão do aluno com a síndrome de duplicação 9p, bem como as possibilidades para contornar as situações adversas que servem de entrave para o bom desenvolvimento do aluno no ambiente escolar.

O objetivo desse trabalho, conforme destacado anteriormente, foi verificar por meio de estudo de caso, entrevistas, anameses e testes de avaliação neuropsicológica cognitiva qual o tipo de trabalho o professor de área, professor do AEE e assistente da educação básica poderiam desenvolver um plano de adaptações em prol de uma inclusão deste aluno, partindo do conhecer suas necessidades e potencialidades.

É possível afirmar que o trabalho de intervenção cumpriu o seu objetivo, pois as análises dos dados coletados em entrevistas e testes revelaram caminho a serem trilhados para um bom desenvolvimento cognitivo e inclusivo, afim de que se obtenha sucesso na implementação de ações a serem seguidas.

Ficando estabelecido que as ações se dividiriam em etapas:

**1ª etapa:** os professores de área junto com professor da sala de recursos, no horário de coordenação, irão se encontrar semanalmente durante 30 minutos e juntos irão elaborar de

intervenções a serem realizadas com o aluno, quais os tipos de adaptações podem ser feitas dentro da disciplina e de acordo com a capacidade do aluno. Nos encontros semanais, farão os registros das necessidades e evoluções.

**2ª etapa: o assistente da educação especial, que** é um profissional que acompanha o aluno durante o horário de aula regular, orientando e cuidando deste aluno em todas as suas necessidades. Acreditando que este assistente possa ser um diferencial para o sucesso do aluno, sendo ele um facilitador, porta voz que fará a ponte entre professor de área e professor da sala de recursos, solicitamos que o assistente faça o apoio de buscar na sala de recursos os materiais que já são de uso do aluno, para também ser utilizado em sala de aula, compondo a diversidade de meios de aprendizagem para o desenvolvimento integral do aluno.

**3ª etapa: com este projeto, buscamos uma aprendizagem contínua e flexível,** que consiste em conhecer, refletir e agir. Para isso é preciso conhecer o aluno, o que ele sabe e partir de seus conhecimentos. Juntos os professores do aluno podem propor adaptações a serem feitas, dentro de suas disciplinas e com atividades que tenham significado para o aluno e que ele realmente consiga realiza las, agindo o professor sobre as dificuldades do aluno e retomando sempre, até que sejam sanadas. É preciso que se tenha dedicação em conhecer os resultados, as análises e reflexões que explicam a realidade do aluno que precisa ser incluído. Propondo a formulação de novas hipóteses e assim progressivamente.

Considerando que este projeto de intervenção pode auxiliar professores em ações de inclusão, partindo das atividades e ferramentas que foram propostas, interligando diversos profissionais que juntos terão que promover um ambiente escolar em que o aluno com a síndrome de duplicação 9p, se sinta pertencente daquele espaço, sendo ele também um aluno que mesmo com suas limitações não está impedido de demonstrar que é possível aprender algo de significativo com ele e os outros.

A partir do estudo de caso e do referencial teórico estudado e debatido, foram levantados meios que possam auxiliar professores em ações de inclusão, partindo das atividades e ferramentas que em conjunto foram propostas, interligando diversos profissionais que juntos irão promover ações importantes que venham contribuir para a inclusão do aluno com a síndrome de duplicação 9p. Proporcionando a ele um ambiente escolar em que o aluno se sinta pertencente daquele espaço, sendo ele papel fundamental para que o eu, o outro e nós façam parte da rotina escolar e mesmo havendo limitações de qualquer natureza, ainda assim não está impedido de demonstrar que é possível aprender algo de significativo com ele e seus pares. Destacando que não

estamos isentos de futuros “desafios”, mas conscientes de que buscamos sucesso na inclusão, adequando as necessidades em prol de uma educação que tenha garantido direitos de aprendizagem.

## 10- REFERÊNCIAS

- CENTERWALL WR, Beatty-DeSana JW. **The trisomy 9p syndrome**. Pediatrics 1975; 56(5): 748-55.
- CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- DRAGO, Rogério. **Síndromes: conhecer, planejar e incluir**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- ITAD. Instituto de Apoio e Desenvolvimento. **Consciência Fonológica**. Disponível em <http://www.itad.pt/problemas-escolares/consciencia-fonologica/> Acesso em: 14 abr. 2019.
- MASTELLONE C Bussani, GIOVANNUCCI Uzielli ML, GUARDUCCI S, Nathan G. **Quatro casos de síndrome trissomia 9p com rearranjos cromossômicos particulares**. Ann Genet (Paris) 1991; 34: 115-119.
- MORAIS, A. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012
- RAMOS, M. B. J.; FARIA, E. T. **Aprender e ensinar: diferentes olhares e práticas**. Porto Alegre: PUCRS, 2011.
- RETHORÉ MO, et al. **Sur quatre cas de trisomie pour le bras court du chromosome 9**. Individualisation d'une nouvelle entité morbide. Ann Genet 1970; 13(4): 217-32
- ROSA, E.C.L. **Relato de caso: anomalia cromossômica estrutural**. Ipatinga M.G. 2018. Disponível em: <https://prezi.com/qghswgq-s2fm/trisomia-9-sindrome-de-rethore/> Acesso em: 17 jan. 2019. Disponível em: site <https://www.socialstyrelsen.se/ovanligadiagnoser/trisomi9p-syndromet>. Acessado em: 26 mai.2019
- SARAIVA, J.G.; SANTANA, B.R., SANTOS, A.H.; SALLES, M.J.S. **Relato de caso: Trissomia parcial do cromossomo 9 Supl 1, p. 232, maio/jun. 2017**. Disponível em: <https://prezi.com/qghswgq-s2fm/trisomia-9-sindrome-de-rethore/> Acesso em: 17 jan. 2019. Disponível em: site <https://www.socialstyrelsen.se/ovanligadiagnoser/trisomi9p-syndromet>. Acessado em: 26 mai.2019
- SEABRA, Alessandra Gotuzo.II. Dis Natalia Martins. **Avaliação Neuropsicológica Cognitiva**. São Paulo: Memnom, 2012.

## APÊNDICE 1

1.	<p>Nome: <b>C.R.L.V. A.</b>          Área de atuação: <b>AEE/ sala de recursos multifuncionais</b>          Área de formação: <b>Pedagogia, Inclusão Escolar e Mídias na Educação</b>          Rede de ensino que atua: <b>Rede Municipal</b>          Quanto tempo trabalha com alunos de inclusão? <b>13 anos</b></p>	
2.	Como a rede de ensino identifica os alunos com deficiência intelectual?	Na matrícula, observação inicial dos professores e diagnósticos.
3.	Que caminhos e estratégias a rede de ensino na qual atua, têm adotado para atender os princípios de educação inclusiva e do AEE para alunos com deficiência intelectual?	Atendemos os alunos do AEE utilizando muitos recursos pedagógicos lúdicos, jogos, bateria psicomotora, intervenções pedagógicas de acordo com o comprometimento do aluno.
4.	Que estratégias organizam para garantir o AEE para estes sujeitos?	Listas, contato com pais e ou responsáveis, organização do horário prioritário a esses alunos juntamente com a equipe pedagógica da escola.
5.	Qual o tipo de atendimento eles recebem no AEE?	Atendimento especializado individual ou em pequenos grupos;
6.	O atendimento do AEE tem alguma ligação com o ensino que esse aluno recebe em sala de aula?	Sim, claro. A parceria com o professor regente é essencial no processo de inclusão.
7.	Esses alunos são atendidos com que frequência no AEE?	Depende do grau de comprometimento da criança. Sendo o atendimento uma ou duas vezes por semana, cada atendimento dura 60 minutos.
8.	O aluno é avaliado pelo AEE ou é feito um estudo de caso?	São realizadas as duas coisas. Avalia –se no AEE, diagnóstico, teste, bateria psicomotora e anamnese.
9.	Quando se recebe um diagnóstico clínico do aluno, em que este documento te auxilia?	Contato com a família, com o médico, estudo do CID, estratégias específicas do transtorno apresentado.
10.	Na sua opinião esses alunos têm recebido uma educação de qualidade, sendo reconhecidos, respeitados e igualmente inseridos na sociedade e em seus acessos?	Há muito ainda a ser feito, mas estamos caminhando... Ora ficamos felizes com os resultados apresentados, ora angustiados com o sentimento de impotência diante de vários problemas que fogem o muro da escola.



## APÊNDICE 2

Dados de Identificação:	
Nome: R. L. C. Formação Profissional: história e pós em educação especial AEE Cargo que exerce no momento: professora Tempo de atuação como professora: 29 anos	
1. Você já ouviu falar em síndrome de duplicação 9p?	Não
2. Como você define esta síndrome?	Estou conhecendo agora.
3. Há quando tempo a criança frequenta sua sala de aula?	2 meses
4. Quais foram os seus sentimentos iniciais diante da vinda da criança, enquanto seu aluno? E atualmente?	Pouco contato, pois só tivemos dois meses que estamos nos conhecendo.
5. Como foi realizada a avaliação pedagógica ou diagnóstico do aluno?	Por ser o 6º ano são professores por área, então não existe um responsável pela sua alfabetização.
6. Especifique as áreas de desenvolvimento avaliadas e descreva a proposta pedagógica?	
7. Quais áreas de desenvolvimento o aluno apresentou maior necessidade de intervenção?	Na linguagem oral.
8. Como foi sua adaptação a necessidade apresentada pelo aluno?	Percebo que quando não entendemos sua fala ele fica muito nervoso e chora. Então eu posso não entender e falo que sim e prossigo.
9. Utilizou-se de algum método ou programa de apoio para estimular o desenvolvimento do aluno?	Tento propor algumas atividades adaptadas, mas o aluno não aceita e quer copiar do livro didático.
10. Quais foram suas maiores dificuldades enfrentadas durante o período de intervenção?	Saber o que fazer. Pois sou professora de área e o aluno precisa ser alfabetizado.
Qual aspecto do desenvolvimento atualmente é mais difícil para lidar?	Entender o que o aluno fala. Cuidados com o corpo.
E como você maneja estas dificuldades?	Vou fazendo ele repetir pausadamente o que quer.
Descreva como é o seu relacionamento com a escola e a família do aluno?	A maior participação na escola é com a mãe, mas não é participativa na parte cognitiva.
Quais são suas expectativas em relação à criança?	Leitura
Como você troca ideias sobre o aluno, com a professora do AEE?	Tem pouco tempo que estamos nos encontrado na coordenação e conversamos sobre as dificuldades e avanços do aluno.

### APÊNDICE 3

Dados de Identificação:	
Nome: F.S. F.	
Formação Profissional: Pós em educação especial.	
Cargo que exerce no momento: assistente da educação especial	
Tempo de atuação como assistente: 8 meses	
1. Você já ouviu falar em síndrome de duplicação 9p?	Não
2. Como você define esta síndrome?	Estou conhecendo, pesquisando.
3. Há quando tempo a criança frequenta sua sala de aula?	3 Meses
4. Quais foram os seus sentimentos iniciais diante da vinda da criança, enquanto seu aluno? E atualmente?	Fiquei preocupado em como lhe dar com ele, pois nada sabia sobre a sua síndrome e como poderia ajuda –lo. Outro agravante é que a guarda é compartilhada com outro aluno com esquizofrenia e com comportamentos opostos, o que dificulta o trabalho.
5. Como foi realizada a avaliação pedagógica ou diagnóstico do aluno?	A professora de português me ajudou com atividades de alfabetização e aos poucos fomos vendo o que ele sabia e conseguia fazer. Na sala de aula não tem como ajudar muito.
6. Quais áreas de desenvolvimento o aluno apresentou maior necessidade de intervenção?	Na linguagem oral, alfabetização.
7. Como foi sua adaptação a necessidade apresentada pelo aluno?	Percebo que quando não entendemos sua fala ele fica muito nervoso e chora. Então eu posso não entender e falo que sim e prossigo.
8. Utilizou-se de algum método ou programa de apoio para estimular o desenvolvimento do aluno?	Os métodos que estamos utilizando são jogos de alfabetização e letramento.
9. Quais foram suas maiores dificuldades enfrentadas durante o período de intervenção?	É fazer com que o aluno aceite atividade adaptada. Ele quer fazer igual aos demais de sua turma.
10. Qual aspecto do desenvolvimento atualmente é mais difícil para lidar?	Entender o que o aluno fala. Aceitar atividade adaptada.
11. E como você maneja estas dificuldades?	Converso muito com o aluno e proponho om antecipação.
12. Descreva como é o seu relacionamento com a escola e a família do aluno?	A maior participação na escola é com a mãe, mas não é participativa na parte de deveres de casa.
13. Quais são suas expectativas em relação à criança?	Leitura e melhorar a fala.
14. Como você troca ideias sobre o aluno, com a professora do AEE?	Nos encontramos pouco, pois o tempo todo estou com o aluno e ela em atendimento.

**ANEXO 1****ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES  
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA  
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), do estudo/pesquisa intitulado (a) *O processo de inclusão de um aluno com síndrome de duplicação 9p: conhecer para intervir* conduzida por *Viviane Pacheco Porto Tomaz*. Este estudo tem por objetivo realizar estudo de caso em um aluno que apresenta diagnóstico de síndrome da duplicação 9p.

Você foi selecionado (a) por ser a mãe do aluno em estudo de caso. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo. Sua participação não é remunerada nem implicará em gastos para os participantes. Sua participação nesta pesquisa consistirá em realização das entrevistas, com duração de aproximadamente 2 horas, será realizada pela professora Viviane Pacheco Porto, juntamente com a professora do AEE, o conteúdo será a anamnese. Não haverá registro de áudio, de vídeo somente algumas imagens do aluno em estudo. Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação.

O pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos ou instituições participantes. Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do pesquisador responsável / da pesquisa. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento. Contatos do pesquisador responsável: Viviane Pacheco Porto Tomaz, professora da instituição municipal Henrique Freitas Badaró, E-mail [viviane6291@gmail.com](mailto:viviane6291@gmail.com), telefone (31) 985497081 Declaro que entendi os objetivos, e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Ipatinga, 19 de dezembro de 2018.

Assinatura do (a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do (a) pesquisador (a): \_\_\_\_\_

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

**ANEXO 2**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF  
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED  
 CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CEAD

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES

**TERMO DE CONSENTIMENTO PARA DESENVOLVIMENTO DE PROJETO DE  
 INTERVENÇÃO**

À Direção da Escola \_\_\_\_\_

Prezado(a) Senhor (a) \_\_\_\_\_

Como aluno (a) do curso de especialização em EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES promovido pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – UFJF, através do CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CEAD, venho por meio desta, solicitar a autorização para desenvolvimento de meu projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que consiste em um projeto de intervenção com o objetivo de

\_\_\_\_\_  
 Para o desenvolvimento deste projeto, que será realizado na turma serão utilizados procedimentos tais como

\_\_\_\_\_  
 Como estudante do referido curso, gostaria de assegurar o caráter acadêmico do presente estudo, assim como a utilização de procedimentos para a proteção da identidade dos sujeitos, a confiabilidade dos dados e a ética no tratamento dos dados quando estes se referirem ao sujeito e a instituição em que este desenvolve o seu trabalho.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos, na certeza de que o resultado de tal estudo possa contribuir para a obtenção de informações que permitam uma melhor compreensão sobre \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, e contribuindo assim, para a construção de práticas escolas mais inclusivas que garantam o direito à educação para todos.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ fevereiro de 2019.

\_\_\_\_\_  
 Nome do aluno (CPF/ telefone de contato)



ANEXO

Teste de Trilhas: Partes A e B  
(para crianças e adolescentes de 6 a 14 anos)

